

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Contribuições do pensamento de Habermas às pesquisas em aprendizagem colaborativa numa perspectiva humanística

Yone Carneiro de Santana Gonçalves, José Karam Filho, Davi Silva da Costa

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15828>

Submetido em: 2026-04-14

Postado em: 2026-05-04 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE HABERMAS ÀS PESQUISAS EM APRENDIZAGEM COLABORATIVA NUMA PERSPECTIVA HUMANÍSTICA

YONE CARNEIRO DE SANTANA GONÇALVES¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2686-3157>

[<yonecarneiros@gmail.com>](mailto:yonecarneiros@gmail.com)

JOSÉ KARAM FILHO²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1952-3202>

[<jkf@lncc.br>](mailto:jkf@lncc.br)

DAVI SILVA DA COSTA³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7718-0474>

[<davi.costa@ifbaiano.edu.br>](mailto:davi.costa@ifbaiano.edu.br)

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. Catu, Bahia (BA), Brasil.

² Laboratório Nacional de Computação Científica. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. Catu, Bahia (BA), Brasil.

RESUMO: Este texto se constitui em uma reflexão teórica com o propósito de refletir as contribuições do pensamento de Habermas às pesquisas em Aprendizagem Colaborativa numa perspectiva humanística. Na imersão em obras deste autor, buscamos marcadores de seu pensamento que se apresentam como pertinentes para pesquisas em educação humanística, buscando refletir como este pensamento também perpassa por outros teóricos do campo da Educação e dos Estudos Culturais. Da análise e interpretação das referências selecionadas construímos articulações, as quais chamamos de enlaces entre o pensamento habermasiano e concepções da aprendizagem colaborativa humanística, a saber: Enlace 1: Aprendizagem Colaborativa pela ação comunicativa; Enlace 2: Emancipação co-construída pela racionalidade comunicativa; Enlace 3: Construção de consensos com inclusão sensível à diferença; e Enlace 4: Teor cognitivo da moral e a mediação na Aprendizagem Colaborativa. Tais enlaces demonstram a importância de olharmos para o campo da Aprendizagem Colaborativa dando atenção a aspectos políticos e culturais, apresentando como as relações de poder implicam nas práticas educacionais.

Palavras-chave: pensamento habermasiano, aprendizagem colaborativa, educação humanística.

CONTRIBUTIONS OF HABERMAS'S THOUGHT TO RESEARCH IN COLLABORATIVE LEARNING FROM A HUMANISTIC PERSPECTIVE

ABSTRACT: This text constitutes a theoretical reflection with the purpose of reflecting on the contributions of Habermas's thought to research in Collaborative Learning from a humanistic perspective. In immersing ourselves in this author's works, we sought markers of his thought that are relevant to research in humanistic education, aiming to reflect on how this thought also permeates other theorists in the fields of Education and Cultural Studies. From the analysis and interpretation of the selected references, we constructed articulations, which we call links between Habermasian thought and conceptions of humanistic collaborative learning, namely: Link 1: Collaborative Learning through

communicative action; Link 2: Emancipation co-constructed through communicative rationality; Link 3: Consensus building with inclusion sensitive to difference; and Link 4: Cognitive theory of morality and mediation in Collaborative Learning. These links demonstrate the importance of looking at the field of Collaborative Learning paying attention to political and cultural aspects, showing how power relations are implicated in educational practices.

Keywords: habermasian thought, collaborative learning, humanistic education

APORTACIONES DEL PENSAMIENTO DE HABERMAS A LA INVESTIGACIÓN EM APRENDIZAJE COLABORATIVO DESDE UNA PERSPECTIVA HUMANISTA

RESUMEN: Este texto constituye una reflexión teórica cuyo propósito es analizar las contribuciones del pensamiento de Habermas a la investigación en Aprendizaje Colaborativo desde una perspectiva humanista. Al sumergirnos en la obra de este autor, buscamos marcadores de su pensamiento relevantes para la investigación en educación humanista, con el fin de reflexionar sobre cómo este pensamiento también impregna a otros teóricos en los campos de la Educación y los Estudios Culturales. A partir del análisis e interpretación de las referencias seleccionadas, construimos articulaciones, que denominamos vínculos entre el pensamiento habermasiano y las concepciones del aprendizaje colaborativo humanista, a saber: Vínculo 1: Aprendizaje Colaborativo a través de la acción comunicativa; Vínculo 2: Emancipación coconstruida a través de la racionalidad comunicativa; Vínculo 3: Construcción de consenso con inclusión sensible a la diferencia; y Vínculo 4: Teoría cognitiva de la moralidad y la mediación en el Aprendizaje Colaborativo. Estos vínculos demuestran la importancia de considerar el campo del Aprendizaje Colaborativo prestando atención a los aspectos políticos y culturales, mostrando cómo las relaciones de poder están implicadas en las prácticas educativas.

Palabras clave: pensamiento habermasiano, aprendizaje colaborativo, educación humanista.

INTRODUÇÃO

Com estudos em práticas educativas para a Aprendizagem Colaborativa e em Educação Humanista, empreendemos esforços no aprofundamento destes conhecimentos em teóricos tradicionais e contemporâneos que, de alguma forma, sinalizam contribuições para fundamentação dessa temática de estudo. Neste sentido, mergulhamos na leitura dos textos de Jürgen Habermas, sociólogo e filósofo alemão que, apesar de não ser um estudioso da Educação, apresenta reflexões pertinente a este campo do conhecimento.

Habermas dedica boa parte de seus estudos à democracia e neles apresenta fundamentos para as ciências, principalmente as Ciências Sociais, contribuindo para a compreensão de fenômenos que possam limitar ou potencializar a ação democrática. Assim, Habermas apresenta uma perspectiva pertinente à esfera pública, incluindo-se aí a cultura e, mais especificamente, os sistemas públicos de educação.

Dentre as obras de Habermas, trazemos aqui destaque a três delas: Teoria do Agir Comunicativo (2012a; 2012b), A Inclusão do Outro (2018a) e Uma Nova Mudança Estrutural da Esfera Pública e Política (2018b). A opção por estas obras se deu pela ampla discussão de como aspectos culturais determinam o pensar e o agir institucionalizados dos órgãos educacionais. Nessas obras o autor apresenta concepções de emancipação, participação social, respeito à diferença e negociação, considerados por nós como marcadores do pensamento habermasiano, que contém tensões provenientes

das imposições culturais por grupos dominantes sobre a esfera pública. Compreender tais concepções e seus entremeios é compromisso de pesquisas em educação humanística, em especial daquelas que se dedicam a investigar processos educativos que abarcam a aprendizagem colaborativa, tema de interesse de nossos estudos. Imbuídos deste compromisso apresentamos, num primeiro momento, uma breve trajetória de Habermas e, num segundo momento, a construção de enlaces entre o pensamento de Habermas e estudos em Aprendizagem Colaborativa.

QUEM FOI JÜRGEN HABERMAS

Habermas foi membro da Escola de Frankfurt, onde se nutriu da Teoria Crítica, corrente epistemológica que integra a sociologia e a filosofia, apresentando um pensamento sobre sociedade, economia e política pautado na reflexão sobre processos democráticos e princípios emancipacionistas.

Em suas obras, Habermas defende que às Ciências não cabe apenas a apresentação de diagnósticos, mas também a proposição de alternativas ao que está instituído, trazendo como responsabilidade dos cientistas o de refletir para além de como as coisas se apresentam, sendo necessário a eles o exercício contínuo de questionamento do porquê as coisas não são diferentes e projetar possibilidades delas se modificarem. Com esse propósito, Habermas (2012, p. 272) defende que “as ciências também estão a serviço do aperfeiçoamento das pessoas”, alertando para o excesso de seu uso para fins tecnicista e instrumentalista.

Habermas é considerado um pensador pragmático, porém não se percebe uma versão nociva de seu pragmatismo, por não apresentar excesso de utilitarismo, indícios de reducionismos e de autoritarismos teóricos. Ao contrário, os seus escritos trazem a consideração à pluralidade de visões de mundo, ao reconhecimento da diversidade social e à consciência do “saber como falível e criticável” (Habermas, 2018a, p.16). Arriscamos a inferir Habermas como um pensador que traz, indiretamente, a perspectiva da multirreferencialidade¹ a ser considerada no ato comunicacional, defendendo o agir comunicativo em diálogo aberto e acolhedor da pluralidade de visões de mundo, porém necessariamente mediado pela compreensão da realidade. Em suas palavras, “sujeitos que agem comunicativamente buscam sempre o entendimento no horizonte de um mundo da vida” (Habermas 2012a, p. 138). Mais um argumento para essa classificação como pensador multirreferencial² é o fato de Habermas considerar como aspecto que lhe é importante do agir comunicativo “a tripla referência de mundo” (Habermas, 2012a, p.185), apresentando essas referências como: a subjetiva, sendo um conjunto de vivências privilegiadamente acessíveis pelos atores sociais; a objetiva, que é o conjunto de todas as entidades sobre as quais é possível fazer enunciados; e a social, referindo-se ao conjunto de todas as relações interpessoais legitimamente reguladas (Habermas, 2012). A perspectiva habermasiana defende que não há privilégio entre estas referências e que para o entendimento genuíno a comunicação precisa transitar entre estes três mundos.

O pragmatismo de Habermas é também apresentado neste texto como compromisso metodológico, também pertinente aos estudos sobre processos educativos, principalmente a aqueles que consideram a complexidade das relações sociais e afirmam a heterogeneidade como característica natural dessas relações e profícua à aprendizagem. Habermas apresenta a teoria do agir comunicativo como um

¹ A noção de multirreferencialidade aqui apresentada se fundamenta no pensamento de Jacques Ardoino como “um sistema de pensamento e uma perspectiva de práxis educacional, em que a heterogeneidade é o ponto de partida epistemológico, ético, político e formativo” (Macedo, Barbosa e Borba, 2012, p.14).

² Ainda segundo Jacques Ardoino, o pensador multirreferencial é aquele que se propõe à leitura plural de seus objetos, sob diferentes pontos de vistas, em função de sistemas de referências distintos não-reduzíveis uns aos outros (Macedo; Barbosa; Borba, 2012).

saber/fazer intencionado à participação coletiva, ao exercício da argumentação e da negociação, salientando que é no reconhecimento do diverso, do diferente, do que causa estranheza que a curiosidade emerge. É no respeito a essas diversidades e diferenças que o acolhimento ao outro se materializa (Habermas, 2012). Para isto, o cuidado metodológico é imprescindível e a mediação ganha destaque, de maneira que zele para que o teor cognitivo dos atos comunicativos inerentes a processos educativos de grupos heterogêneos não se perca mediante julgamento por intermédio de valores individuais e da defesa de interesses particulares.

Com este panorama inicial da trajetória de Habermas, já se percebem contribuições para estudos de relações em sociedades complexas, principalmente aquelas que se denominam democráticas. O investimento numa revisão de literatura, permitiu esta reflexão teórica, aqui realizada e construída por opção de articulação entre o olhar habermasiano sobre as relações sociais e às categorias do campo da educação que são pertinentes ao que compreendemos como necessárias à Aprendizagem Colaborativa numa perspectiva humanística. Num exercício de enlaçamento, esta articulação será apresentada adiante.

ENLACES ENTRE O PENSAMENTO HABERMASIANO E A APRENDIZAGEM COLABORATIVA

Como já anunciado anteriormente, foi na imersão nos livros “Teoria do Agir Comunicativo” (Habermas, 2012a, 2012b), “A Inclusão do outro” (Habermas, 2018a) e “Uma nova mudança estrutural da esfera pública e política” (Habermas, 2018b) que identificamos marcadores do pensamento habermasiano que também são pertinentes a estudos com enfoque em educação com princípios emancipacionistas, como a defendida por Paulo Freire (1979, 1987, 1996), filósofo e educador brasileiro que nos apresenta fortuitas reflexões sobre processos educativos com tais princípios.

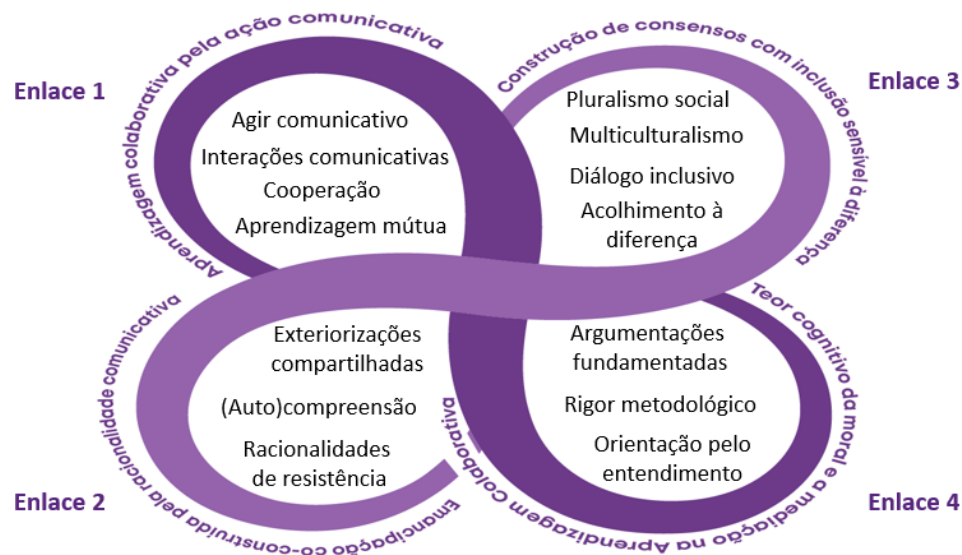
No mesmo sentido, conseguimos observar também uma possível interlocução do pensamento de Habermas com os pressupostos da Pedagogia Crítica defendida por Henry Giroux, crítico cultural americano e canadense e também defensor da democracia. Os princípios da Pedagogia Crítica nos remete às reflexões sobre as relações entre poder e esfera pública, entre cultura e contestação crítica e entre desejo, dominação e democracia. Dessa forma, o pensamento de Giroux(2003) se apresenta como pertinente aos estudos que questionam os processos desumanizadores que afetam os sistemas educacionais, muitos deles disseminados pela indústria cultural submetida aos interesses empresariais.

É com este aporte em Paulo Freire e Henry Giroux que adentramos numa provocação para pensar as concepções da Aprendizagem Colaborativa que permeiam os espaços educacionais, pois o que podemos observar é o quanto as formas de suas abordagens nos meios acadêmicos são carregadas por valores que representam interesses dos setores econômicos e ainda o quanto o termo “colaboração” vem sendo apropriado para a gestão do saber/fazer destes setores (Gonçalves; Karam; Costa, no prelo). Esta constatação nos leva a provocar o olhar para o que temos concebido como uma perspectiva humanística da Aprendizagem Colaborativa, apresentando-a aqui como uma abordagem pedagógica dos processos de construção do conhecimento por coletivos sociais que visa a formação cidadã, por intermédio do exercício da democracia e do pensamento crítico. Desta maneira é uma abordagem que possui intentos emancipacionistas e por este motivo se apresenta como integrada a uma pedagogia que se reconhece política, onde a experiência é valorizada, que está aberta ao devir e que se fundamenta epistemológica e metodologicamente na multirreferencialidade (Gonçalves; Karam; Costa, no prelo; Gonçalves, 2025). Mais detalhes desta concepção serão apresentados no decorrer do texto por intermédio do que

consideramos como aproximações com pensamentos de teóricos que elegemos como representantes de uma visão humanista de educação.

Com estas considerações preliminares, num exercício de enlaçamento, apresentamos a aproximação de conceitos e concepções da Aprendizagem Colaborativa numa perspectiva humanística aos pensamentos de Habermas. a princípio por intermédio da Figura 1:

Figura 1: Enlaces entre o pensamento Habermasiano e a aprendizagem colaborativa numa perspectiva humanística



Fonte: elaborada pelos autores (2024)

Conforme a Figura 1, cada enlace é representado por um título que intenta apresentar conjunções interpretativas de associações entre marcadores do pensamento habermasiano e elementos pertinentes às concepções humanísticas em Educação voltada para a Aprendizagem Colaborativa. Apresentamos a seguir detalhes dessas conjunções interpretativas aqui chamadas de enlaces:

Enlace 1: Aprendizagem colaborativa pela ação comunicativa

Em várias produções se destacam a importância da ação comunicativa no pensamento de Habermas, mas o livro *Teoria do Agir Comunicativo* detalha mais profundamente o olhar deste pesquisador para o mundo da vida formado por seres que, em sociabilidade, podem potencializar seus conhecimentos e ações cidadãs por intermédio da comunicação. Em seu pensamento, o agir comunicativo é social e orientado pelo entendimento. Em suas palavras,

“O conceito de *agir comunicativo*, por fim, refere-se à interação de pelo menos dois sujeitos capazes de falar e agir, que estabeleçam uma relação interpessoal (seja com meios verbais ou não verbais). Os atores buscam um entendimento sobre a situação da ação para, de maneira concordante, coordenar seus planos de ação e, com isso, suas ações” (Habermas, 2012a, p. 166).

Como observamos, o conceito de agir comunicativo de Habermas ressalta as relações interpessoais como o encontro entre as pessoas que buscam compreensões de si no mundo e com o

mundo, compreensões tais que subsidiarão seus planejamentos de como ser e estar neste mundo que tentam compreender. Este pensamento habermasiano traz o reconhecimento da comunicação como base para a estruturação do convívio social, o que o destaca como importante nas investigações que considerem a organização de coletivos sociais. Assim, sua “Teoria do agir comunicativo” (Habermas, 2012a, 2012b) se propõe a contribuir para as pesquisas em Ciências Sociais, tomando a ação comunicativa como objeto de estudo da construção e difusão do conhecimento por seres em sociabilidade.

Na mesma direção, tomando o pensamento freireano que também traz reflexões pertinentes às pesquisas em Ciências Sociais e em especial a Educação, destacamos a obra *Pedagogia do Oprimido*, onde Freire (1987, p. 96) apresenta que “na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em co-laboração” e ressalta, ainda, que a “co-laboração, como característica da ação dialógica, que não pode dar-se a não ser entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, portanto, de responsabilidade, somente pode realizar-se na comunicação”. Observamos no pensamento freireano que os conceitos de interação, por intermédio da colaboração, e de comunicação caminham juntos.

No pensamento de Habermas também se encontra essa conjunção. Em suas palavras, “todo ato de entendimento pode ser concebido como parte de um procedimento cooperativo de interpretação, voltado a alcançar definições situacionais intersubjetivas reconhecidas” (Habermas, 2012a, p. 138). Portanto, aqui também se encontram os conceitos de interação, por cooperação, e o de comunicação, por entendimento e interpretação, caminhando juntos. Habermas completa que esses processos de interação comunicativa “se desdobram em processos de aprendizagem mútua, que geram aberturas e fechamentos no horizonte do mundo da vida” (Habermas, 2018a, p. 16).

Para além de Freire, encontramos ponte também entre os pensamentos de Habermas e de Henry Giroux, tomando como referência a obra “*Atos impuros: a prática política dos estudos culturais*” (Giroux, 2003), onde o autor enfatiza o espaço escolar como terreno de lutas pelo significado e pelo propósito das humanidades. Giroux (2003, p. 76) defende “tornar o pedagógico mais político”, no sentido de convocar os processos pedagógicos para a responsabilidade social, a coragem cívica e a reconstrução da vida pública democrática (Giroux, 2003, p. 156). Giroux (2003) sugere que uma das maneiras para que isto aconteça é provocando uma virada crítica pela linguagem e defendendo o acolhimento ao multiculturalismo, de forma que as vozes dos sujeitos se reverberem a partir das suas culturas. Giroux (2003) questiona as instituições educacionais por se deixarem dominar por cultura única, ressaltando que é a cultura mercadológica que tem dominado os espaços sociais, incluindo-se aí os ambientes educacionais.

Em outras palavras, Giroux (2003) defende o multiculturalismo como movimento de oposição às perspectivas empresariais que impõem seus valores nos sistemas educacionais. Em seu pensamento, um espaço escolar que acolhe as múltiplas culturas, por um dinamismo de comportamento democrático, pode se constituir em território de transformação de discursos que enfrentam a imposição da linguagem empresarial. Nesta perspectiva a participação democrática, aliada a preparação política para a compreensão das relações de poderes que permeiam a cultura geral, é elemento para formação cidadã, que pela adesão coletiva pode dar formas a novas linguagens mais implicadas com questões sociais que são desprezadas pelo mundo empresarial.

Retomando o pensamento habermasiano, a partir das reflexões acima apresentadas, percebemos que Habermas (2012) também questiona as racionalidades já instituídas na sociedade, dentre elas a econômica e a instrumental. A primeira refere-se a cultura dominante do sistema econômico que coloniza o mundo da vida, invadindo-o e moldando-o para o atendimento de seus interesses. Já a

racionalidade instrumental refere-se ao caráter utilitarista do conhecimento disseminado principalmente pela tecnologia e pela ciência a ela submetida.

Habermas (2012) convoca também a olhar para as racionalidades que buscam se instituir como formas de insurgências ao que está posto por setores dominantes da sociedade, questionando as relações de poderes que esses setores impõem e apontando como coletivos sociais podem lutar contra estas relações. Dentre essas racionalidades, Habermas apresenta a comunicativa referindo-se à consciência da potência que têm os seres vivos de qualificar suas visões de mundo por intermédio da comunicação; refere-se também ao entendimento de que no mundo da vida os seres sociais possuem intelectos que, por intermédio da comunicação socializada, podem contribuir para sua autocompreensão e compreensão da realidade.

Assim, a proposta da racionalidade comunicativa de Habermas (2012, 2018a) vem como insurgência à penetração das racionalidades econômica e instrumental no mundo da vida, refletindo sobre o caráter colaborativo e integrativo desse mundo e questionando o individualismo, o isolamento e a competição como formas impostas de agir e pensar. Na mesma direção, como pudemos observar nos pensamentos de Freire e Giroux, a abordagem humanística da Aprendizagem Colaborativa traz estas reflexões.

Enfim, é na ação educativa teórica e metodologicamente intencionada que encontramos a possibilidade de promoção de espaços para a dialogicidade fundamentada na interação e na colaboração, para formação cidadã. Com este propósito direcionamos o olhar para a Aprendizagem Colaborativa numa perspectiva humanística (Gonçalves, Karam, Costa, no prelo). Observamos que espaços democráticos que estimulam o exercício dialógico, onde as partilhas de sentidos, de experiências e de conhecimentos são presentes e onde as trocas de perspectivas sobre as visões de mundo fluem com liberdade e corresponsabilidade, são espaços de aprendizagem colaborativa, *loci* onde a apropriação do conhecimento se potencializa por intermédio da comunicação (Torres; Lopes; Camargo, 2021). É nestes espaços também que se aprende a exercitar a democracia, uma aprendizagem que só acontece pela prática engajada e politicamente assumida em que a representatividade convoca à consideração as vozes dos grupos representados, o respeito às diferenças convoca à multirreferencialidade e à abertura ao devir, valora a experiência e a criatividade dos sujeitos coletivos criadores interativos de sapiências (Macedo, 2025).

Enlace 2: Emancipação co-construída pela racionalidade comunicativa politicamente engajada

Como já anunciado anteriormente a teoria do agir comunicativo apresentada por Habermas traz fundamentos a estudos e ações que são voltados às interações, à coletividade, aos estudos culturais. Como nos fala Habermas (2012b, p. 118) “sob o aspecto do entendimento, os atos comunicativos servem para a *mediação de um saber armazenado na cultura*: a tradição cultural se reproduz, como foi mostrado, por meio de agir comunicativo orientado ao entendimento”.

Um adendo a esse pensamento de Habermas é a necessidade de vigilância ao que é chamado de “tradição cultural”, questionando o que tem se tornado culturalmente frequente nos ambientes acadêmicos. Como salienta Giroux (2003) o sistema econômico já se fez predominante nos diversos espaços de relações sociais, assim aquilo que já pode ser considerado tradição cultural são a mercantilização dos desejos para fins de consumo e a cooptação de exércitos de produtores e consumidores de desejos, ambas propagadas pela indústria cultural. Giroux (2003) denuncia a rendição da linguagem geral aos moldes da indústria cultural e alerta que essa linguagem rendida vem sendo

propagada em todos os meios comunicacionais, inclusive ampliando esta propagação por intermédio da linguagem dos algoritmos, usada pelos setores econômicos para atingir os seus propósitos da mercantilização. Esta constatação nos alerta que o setor empresarial descobriu muito mais rapidamente o potencial do agir comunicativo do que outros setores que se preocupam mais com os problemas sociais.

Porém Giroux (2003) olha para essa constatação não só apresentando-a como denúncia, mas apontando a necessidade de movimentos de insurgências ao que está sendo imposto pela indústria cultural e é daí que reforça a necessidade de tornar a pedagogia mais política, por intermédio de uma abordagem educativa que leve à formação de um “vocabulário crítico para desafiar a noção subserviente de que a dominação da sociedade pelo livre-mercado e pelas corporações representa a única alternativa exequível para o *status quo*” (Giroux, 2003, p. 15). Só assim, a linguagem terá sua função social que leve a emancipação dos sujeitos em comunicação.

Retomando o pensamento de Habermas, o agir comunicativo pode ter caráter emancipacionista³ configurado pelas interações comunicativas dos atores sociais, que podem ampliar seus horizontes e modificar suas ações por intermédio do conhecimento apreendido nessas interações, constituindo-se em importante prática para a autocompreensão e compressão do mundo da vida (Habermas, 2012). Porém, reforçamos a necessidade de que este agir comunicativo esteja politicamente engajado, trazendo à tona as relações de poder que se estabelecem pela comunicação. Ressaltamos ainda o compromisso do comunicador que se reconhece racional, que tanto pode se tornar um manipulador de discursos, como um mediador democrático e comprometido com a construção e difusão de saberes. Portanto, o ato comunicacional é um mecanismo de poder e nos cabe observar a quem este mecanismo serve.

É aí que entra a Aprendizagem Colaborativa numa perspectiva humanística, onde o pedagógico assume a sua função social de formar também politicamente, trazendo a argumentação, um marcador do pensamento habermasiano, como estratégia para a constituição de um vocabulário engajado com as questões sociais, através de práticas que estimulem a fundamentação de pensamentos por exteriorizações construída pela leitura de mundo, onde o ator social não só fala, mas escuta, se coloca disponível à crítica de sua explanação e avalia as falas, buscando reconstruções discursivas diante das problematizações das situações provocadas pelos interlocutores.

Com apoio da argumentação politicamente assumida, a ação comunicativa transcende a aprendizagem de conteúdos e avança para desenvolvimento de compreensão de mundo e de reflexão sobre comportamentos sociais, direcionando o olhar para o entendimento de como grupos organizam e utilizam a comunicação para externar seus interesses e alcançar seus objetivos. Nesta perspectiva, escolher ser um comunicador racional humanístico é: reconhecer as relações de poder pela comunicação; vigiar a quem servem os atos comunicativos realizados; e ser comprometido com uma racionalidade comunicativa que intenta o empoderamento grupal.

Assim, ao se pensar em espaços de aprendizagem colaborativa, é necessário projetar estratégias para o diálogo aberto e politicamente comprometido, onde as pessoas possam assumir posturas reflexivas para apresentar seus saberes culturalmente apreendidos, questionar imposições de culturas e serem incentivados a colocarem-se à disposição para fundamentações das suas visões de mundo, por intermédio de argumentações, como nos sugere Freire (1999) ao defender que a educação não pode temer o debate e a análise da realidade.

³ Esclarecemos que esta era a perspectiva habermasiana, porém, reforçamos, com o pensamento de Giroux (2003), que também é a perspectiva da Aprendizagem Colaborativa Humanística aqui defendida.

Nesse sentido, nos espaços de aprendizagem colaborativos as pessoas podem tanto ampliar suas compreensões sobre os temas debatidos, como potencializar-se no exercício da exteriorização de seus saberes, por intermédio da reflexão sobre o agir argumentativo dos participantes, motivando inclusive a superação das heranças deixadas pelas pedagogias instrumentalistas e tecnicistas (Gonçalves, 2015).

Dessa forma, as pessoas, em colaboração, podem se emancipar pela participação na comunicação, tomando suas racionalidades, coletivamente construídas, como formas de insurgências a outras racionalidades instituídas por setores que impõem poderes, como a racionalidade capitalista que domina as relações sociais. Portanto, numa perspectiva humanística, declarar-se comprometido com a racionalidade comunicativa coletiva é assumir compromissos com processos dialógicos politicamente engajados com princípios emancipacionistas.

Enlace 3: Construção de consensos com inclusão sensível à diferença

Com o olhar para o multiculturalismo e sempre atento ao pluralismo social e ao pluralismo das visões de mundo, Habermas apresenta a ação comunicativa como requisito para construção de consensos, construída no discurso inteligível e acessível a todos, sem coerções e atendo às diferenças.

O mundo da vida constitui, pois, de certa forma, o lugar transcendental em que os falantes e os ouvintes se encontram; onde podem levantar, uns em relação aos outros, a pretensão de que suas emissões condizem com o mundo objetivo, social ou subjetivo; e onde podem criticar ou confirmar tais pretensões de validade, resolver seu dissenso e obter consenso (Habermas, 2012b, p. 231).

Assim, o conceito de consenso apresentado por Habermas (2012a) remete ao conjunto de acordo almejado pelos participantes que respeita as três referências de mundo, a ressaltar: a subjetiva, a objetiva e a social. Em outras palavras, o que Habermas defende como consensos são práticas sociais de justificação de normas, regras, valores e interesses, construídas no ato comunicativo democrático e deliberativo.

Sob os pressupostos de um discurso inclusivo e não coercitivo entre participantes livres e iguais, cada um é levado a colocar-se na perspectiva – e com isso na auto-compreensão e visão de mundo – de todos os outros. Com esse entrelaçamento de perspectiva se constrói a perspectiva idealmente ampliada de um nós, a partir da qual todos podem testar em comum se querem que uma norma em disputa se torne a base de uma prática. (Habermas, 2018a, p. 121)

Como podemos observar, Habermas convoca à atitude de colocar-se na perspectiva do outro, um movimento de deslocamento lastreado no respeito e na solidariedade, uma atitude que exige a suspensão de conceitos e valores prévios individuais com propósitos de compreensão do convívio em coletividade e que fundamenta as decisões sobre normas, regras e valores a partir de um olhar com múltiplas perspectivas.

Na perspectiva habermasiana “as fronteiras da comunidade estão abertas para todos” (Habermas, 2018a, p. 15), salientando a necessária inclusão do outro, inclusive “aqueles que são estranhos uns aos outros e que querem permanecer estranhos” (Habermas, 2018a, p. 15). Esse processo é também denominado por Habermas (2018a) de “inclusão sensível à diferença”, ressaltando que “o respeito igual a cada um não se limita aos que são semelhantes; ele se estende à pessoa do outro em sua diferença” (Habermas, 2018a, p.28).

“esse sentido de inclusão só pode ser mantido por práticas sociais de justificação de normas, regras, valores e interesses em que os próprios concernidos, ao assumir a perspectiva de participantes em deliberações práticas, mais ou menos institucionalizadas em esferas públicas informais ou formais, podem esclarecer o que é igualmente bom do ponto de vista alargado do “nós” de uma comunidade que, em princípio, não pode excluir ninguém” (Habermas, 2018a, p. 15)

Nessa perspectiva habermasiana, ao participar de deliberações em esferas públicas os sujeitos individuais colocam os seus direitos em pauta coletiva, assegurando que sua individualidade não seja invisibilizada. Com isto Habermas esclarece que os direitos individuais se inscrevem nos direitos coletivos, visto que “a identidade do indivíduo está entretecida com as identidades coletivas, e só podem se estabilizar em uma rede cultural” (Habermas, 2003, p. 366).

Quando tratamos de Aprendizagem Colaborativa, invariavelmente estamos tratando de espaços onde a diversidade e a heterogeneidade estão presentes. Nesses espaços a possibilidade de divergências e conflitos são presentes e podem servir a aprendizagem em várias dimensões. Uma delas é a aprendizagem da participação cidadã, onde cabem os processos de negociações para estabelecimentos de normas, regras, definição de valores e interesses do grupo. A ampla discussão fundamenta a ação deliberativa e o caminho para o atendimento às necessidades e interesses de membros dos grupos que são plurais em sua estrutura social ou em suas visões de mundo. Neste sentido, a criação de estratégias para que os estudantes se coloquem no lugar dos outros, para que entendam as realidades a partir do ponto de vista do outro, é um dos recursos para ampliar a visão de mundo que subsidiará as deliberações do grupo.

Para além do deslocamento para uma percepção pela perspectiva do outro, a prática da argumentação também se mostra pertinente, pois esta “estabelece uma disputa *cooperativa* pelos melhores argumentos, na qual a orientação pelo objetivo do entendimento vincula a *limine*⁴ [grifo nosso] dos participantes” (Habermas, 2018a, p. 19). Com esse enfoque, o pensamento de Habermas traz mais essas contribuições aos estudos em aprendizagem colaborativa, principalmente por trazer reflexões sobre a participação social dialógica, reflexiva, crítica e de apoio à tomada de decisão, ou seja, uma participação democrática deliberativa viabilizada por processos de argumentação e flexibilidade de deslocamento para a compreensão de perspectivas outras.

Portanto, marcadores do pensamento Habermasiano como os de “acordo motivado racionalmente”, “discurso inclusivo e não coercitivo”, “disputa *cooperativa* pelos melhores argumentos”, “ponto de vista alargado do “nós” de uma comunidade”, “participantes em deliberações práticas”, dentre outros, são indicativos de reflexões pertinentes a estudos em aprendizagem colaborativa numa perspectiva humanística e apontam para construção de consensos com inclusão sensível à diferença, pela tomada de consciência do mundo por intermédio de um exercício de visão por múltiplas perspectivas e pelo agir comunicativo participativo, reverberando-se em formação cidadã.

Enlace 4: Teor cognitivo da moral e a mediação na Aprendizagem Colaborativa

Apesar de Habermas não dedicar nenhuma obra exclusivamente ao campo da educação, percebe-se seu compromisso com processos educativos e formativos. Em suas palavras, “aprender

⁴ *Limine* é aqui entendido como fronteira, limite (Dictionary Latin – Portuguese, acessível por: <https://pt.glosbe.com/la/pt>)

significa a superação inteligente de empecilhos” (Habermas, 2012, p. 271) e ainda “o conceito de fundamentação está intimamente ligado ao de aprendizado. Também no caso dos processos de aprendizado a argumentação desempenha papel importante” (Habermas, 2012b, p. 49).

É nessa perspectiva que esse pensamento coaduna com o princípio da negociação, fundamental também em práticas educativas para aprendizagem colaborativa, onde o professor participa das interações orientadas pelo entendimento, através de diálogo inclusivo e não coercitivo, e, quando necessário, levando à problematização dos temas em debates. Numa perspectiva humanística esse professor integra-se ao processo dialógico, conforme sugere Freire:

Ninguém, na verdade, problematiza algo a alguém e permanece, ao mesmo tempo, como mero espectador da problematização. Neste ato de problematizar os educandos, ele se encontra igualmente problematizado. A problematização é a tal ponto da dialética, que seria impossível alguém estabelecê-la sem comprometer-se com seu processo (Freire, 1979, s.p.).

Esse pensamento de Freire coaduna com o de Habermas, o primeiro ao conceber a mediação orientada por “objetos cognoscíveis” (Freire, 1979, s.p.), o segundo ao concebê-la como orientada “pelo entendimento” (Habermas, 2012, 2018), nunca por um ser que tem autoridade sobre o processo dialógico, mas que o conduz participando e potencializando a participação de todos. Ainda sobre a participação democrática no processo dialógico Habermas apresenta os seguintes requisitos do agir comunicativo:

“(a) não podem ser excluídos da participação aqueles que possam fazer uma contribuição relevante; (b) a todos é dada a oportunidade igual a fazer contribuições; (c) os participantes devem dizer o que realmente pensam; (d) a comunicação tem de estar livre de coações internas e externas, de modo que as tomadas de posição sim/não acerca das pretensões de validade somente sejam motivadas pela força de convencimento das melhores razões” (Habermas, 2018, p. 19).

Nessa perspectiva pragmática do agir comunicativo, arrisca-se mais uma aproximação entre o pensamento de Habermas com a preocupação de Freire (1996) em relação ao rigor metodológico do educador democrático, ao qual “uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se aproximar dos objetos cognoscíveis” (Freire, 1996, p.13). Ainda sobre a mediação, Habermas apresenta

Sob o aspecto do entendimento, os atos comunicativos servem a mediação de um saber armazenado na cultura. [...] Do ponto de vista da coordenação da ação, os mesmos atos comunicativos servem para um cumprimento de normas, adequado ao respectivo contexto, visto que a integração social se realiza por esse meio. Finalmente, sob o aspecto da socialização, os atos comunicativos servem para o estabelecimento de controles internos de comportamento e para a formação de personalidades” (Habermas, 2012b, p. 118).

Tanto na perspectiva de Habermas, como na de Freire, o papel da mediação é fundamental, pois diálogos abertos, como os defendidos em processos de aprendizagem que tem princípios emancipacionistas, nem sempre são orientados pelo entendimento, tendo em vista a possibilidade de proferimentos morais dominarem acriticamente o ato comunicativo. Quanto a isto, Habermas salienta que

Enquanto o contato com a natureza externa, gerado através do agir instrumental, medeia a aquisição construtiva do “sistema de normas intelectual”, a interação com outras pessoas abre caminho para o crescimento construtivo em meio ao “sistema de normas morais, socialmente reconhecido (Habermas, 2012a, p.136).

Como observamos, Habermas (2012, 2018) coloca que nas nossas exteriorizações comunicativas buscamos referências construídas nas relações com a natureza e com as pessoas. Como seres afetivos e emocionais, em muitas situações temos a tendência de defender essas exteriorizações levando, muitas vezes, o ato discursivo para o campo da disputa de valores e interesses pessoais. Normalmente, nesse campo os sentimentos que surgem podem dominar acriticamente o processo, perdendo-se o teor cognitivo da comunicação. A depender da posição de participação podem surgir sentimentos de repulsa, indignação ou desprezo; de outra posição os sentimentos de ressentimento ou ofensa; e de uma terceira posição ainda, os sentimentos de vergonha ou culpa. Se o clima de disputa permanece, esses sentimentos circulam entre as várias posições ou outros sentimentos mais nocivos emergem, ampliando os conflitos. Se o clima de disputa se arrefece, os participantes migram para um estado de resolução consensual dos conflitos, daí os sentimentos anteriormente vigentes podem ser transmutados para outros considerados positivos, como os de aceitação, admiração, gratidão e lealdade. Mas o que leva à transmutação desses sentimentos? Que tipo de intervenção pode ser feita para a não ampliação dos conflitos?

Habermas (2018a) apresenta o teor cognitivo da moral, baseado na ética do discurso, explicitando que a moralidade não é construída individualmente, mas coletivamente através do diálogo. Com isto, Habermas (2018a) defende que até mesmo os proferimentos morais podem ser orientados pelo entendimento. Em suas palavras, “se puderem ser fundamentadas, as proposições e os proferimentos morais têm um teor cognitivo. Assim, para compreendermos o teor cognitivo de uma moral, devemos examinar o que significa “fundamentar moralmente” algo. (Habermas, 2018a, p. 33).

Podemos conceber os processos de aprendizagem morais como o alargamento inteligente e o entrosamento recíproco de mundos sociais que, num dado caso de conflito, ainda não se sobrepõem o suficiente. As partes em conflito aprendem a incluir-se mutuamente num mundo construído em conjunto de modo a, em seguida, poderem avaliar e resolver de forma consensual ações controversas à luz de padrões de avaliação coincidentes. (Habermas, 2018a, p. 151)

Com isso, o teor cognitivo da moral em Habermas é baseado na ética e se coloca como alternativa às formas, muitas vezes nocivas, de coordenação da ação comunicativa, “como uso direto da violência ou a influência por ameaças de sanções ou em vista de recompensas” (Habermas, 2018a, p. 35). Dessa forma, fundamentar moralmente é, diante da emergência de sentimentos no ato comunicativo, construir argumentações que apresentem o elo entre tal sentimento e o propósito do coletivo dialogante, criando conjuntamente outro mundo onde os problemas precisam ser resolvidos de forma consensual (Habermas, 2018a).

Trazemos também a esta ética a perspectiva de Giroux (2003) que convoca os profissionais de educação à coragem cívica de denunciar e lutar contra todas as formas de manipulação de poder que adentraram os espaços escolares. Nesta perspectiva, Giroux (2003) defende intencionar os processos pedagógicos para a responsabilidade social, tornando a pedagogia mais política e comprometida com a reconstrução da vida pública democrática.

Por fim, ressaltamos a importância da mediação fundamentada no teor cognitivo da moral nos processos de aprendizagem colaborativa, pois como nos afirma Freire:

Estou convencido de que nenhuma educação que pretenda estar a serviço da boniteza da presença humana no mundo, a serviço da seriedade da rigorosidade ética, da justiça, da firmeza de caráter, do respeito às diferenças, engajada na luta pela realização do sonho da solidariedade pode realizar-se ausente da tensa e dramática relação entre autoridade e liberdade (Freire, 2019, p.37-38)

É nesta relação entre autoridade e liberdade que a mediação e o teor cognitivo da moral se articulam, no sentido de: provocar o movimento de abrir-se à perspectiva da pessoa da qual se discorda, na busca por uma solução consensual; permitir-se compreender que as obrigações morais são exigências normativas que se impõem a nós perante todo e qualquer ser humano, não apenas perante aqueles aos quais assumimos compromissos relacionais; aceitar que não temos poder de convencimento, mas de esclarecimento em busca da ampliação da compreensão para a tomada de decisão fundamentada em princípios humanísticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras de Habermas têm contribuído para diferentes campos de estudos, em especial trazendo fundamentações às Ciências Sociais. Consideramos que os conceitos e concepções apresentados por esse pensador podem proporcionar reflexões significativas também ao campo educacional. E foi com o intuito de elucidar algumas dessas contribuições que este artigo apresentou alguns marcadores do pensamento de Habermas articulando-os, na forma de enlaces, a pensamentos de teóricos da educação e a princípios e concepções da aprendizagem colaborativa numa perspectiva humanística. Sintetizamos a seguir este exercício de enlaçamento.

Encontramos ressonância entre as perspectivas de visão de mundo habermasiana, do pensamento educacional freireano, da Pedagogia Crítica de Henry Giroux, onde pudemos observar o enfoque sobre processos emancipacionistas, sendo imperativo aos todos estes pensadores a importância da ação comunicativa, por meio do diálogo aberto, inclusivo e não coercitivo como potencializador da autocompreensão e da compreensão do mundo, construído por meio de interações comunicativas colaborativas orientadas pelo entendimento. Assim, a reflexão teórica destas perspectivas nos permitiu o primeiro enlace, intitulado “Aprendizagem colaborativa pela ação comunicativa”, onde foi possível apresentar marcadores do pensamento habermasiano como “interação entre sujeitos capazes de agir e falar”, “procedimento cooperativo de interpretação” e “processos de aprendizagem mútua” que podem se constituir em fundamentos para a Aprendizagem Colaborativa numa perspectiva humanística.

No Enlace 2, intitulado “Emancipação co-construída pela racionalidade comunicativa”, apresentamos as concepções de racionalidades instituídas e de outras que se apresentam como resistências ou alternativas ao que está posto na sociedade em termos de domínio e de relações de poder. O enfoque da racionalidade comunicativa proposta por Habermas, como movimento para emancipação e a proposta de Giroux por uma pedagogia mais política, colocam o agir comunicativo no rol das racionalidades de resistências ou de alternativas, levando à compreensão de que seu conceito de emancipação tem caráter social, por se referir ao desenvolvimento pessoal ou grupal por intermédio de interações comunicativas, alicerçadas no exercício da fundamentação de argumentações que permitem a ampliação da autocompreensão e da compreensão do mundo da vida.

No Enlace 3, com título “Construção de consensos com inclusão sensível à diferença”, apresentamos as considerações habermasianas ao pluralismo social, ao pluralismo das visões de mundo e ao multiculturalismo, dando enfoque ao conceito de inclusão. Com essa perspectiva, a expressão “inclusão sensível à diferença” resgata o conceito de equidade, fundamental à sociedade pluralista, seja ela de ordem social, ou de visões de mundo. Tal pensamento é pertinente ao espaço educacional, onde a heterogeneidade dos sujeitos é reinante, trazendo a necessidade de acolhimento à diferença como possibilidade de amplificação das visões de mundo, o que pode contribuir para a aprendizagem a partir do conhecimento do diferente, seja por afiliação, ou por seu respeito ao que não é comum.

No Enlace 4, intitulado “Teor cognitivo da moral e a mediação na Aprendizagem Colaborativa”, é apresentado que Habermas, assim como Freire, também ressalta a importância da mediação do ato comunicativo. Ambos, mas cada um à sua maneira, problematizam as formas de mediação autoritárias e segregadoras e apontam alternativas para uma mediação inclusiva e não coercitiva, trazendo o teor cognitivo como princípio da ação comunicativa. Nesse sentido, Habermas defende que a relação entre os atores sociais e seus objetos de conhecimento sejam mediados pelo entendimento, que é construído por intermédio de argumentações fundamentais. Tal pensamento é de grande relevância em espaços de aprendizagem colaborativa, onde as pluralidades social e de visões de mundo dos participantes, quando não mediada pelo entendimento de seus objetos do conhecimento, podem conduzir a disputas e conflitos.

Enfim, acreditamos que ampliar o olhar para a aprendizagem colaborativa sob uma perspectiva humanística vai ao encontro do que é proposto pelos estudiosos incluídos neste trabalho, sendo movimento alternativo às formas como essa temática vem sendo explorada por setores da iniciativa privada e por instituições educacionais que dão enfoque utilitarista e tecnicista a esse objeto do conhecimento. Compreendemos que a luta pela humanização é a luta por um mundo mais justo, contrário à coisificação das pessoas e a naturalização das desigualdades. Reconhecemos o pensamento habermasiano como pertinente para este propósito, esperamos que este artigo tenha contribuído para a ampliação do olhar para a aprendizagem colaborativa, enfatizando que o pensamento habermasiano e dos demais pensadores aqui referidos são fundamentais a estudos que enfocam processos humanizadores, muito desprezados no contexto atual de validação da vida como objeto financeiro.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Normas só são válidas se aceitas por todos os afetados em um discurso livre de dominação. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Editora Vozes, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Editora Vozes, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação*. São Paulo: Editora Vozes, 1979
- GIROUX, Henry. *Atos impuros: a prática política dos estudos culturais*. Porto Alegre: Artmed, 2003
- GONÇALVES, Yone Carneiro de Santana. KARAM FILHO, José; COSTA, Davi Silva. *Tendências das produções acadêmicas em Aprendizagem Colaborativa*. In V Seminário Internacional de Análise Cognitiva (V SIANCO) Salvador: UFBA (no prelo).
- GONÇALVES, Yone Carneiro de Santana. *Práticas educativas colaborativas na EJA*. in SILVA, Neyla Reis dos Santos Silva; SILVA, Mirna Ribeiro Lima da Silva [orgs]. *Sujeitos, Políticas e Formação Docente para a EJA integrada à EPT*. Salvador: MC&G, 2025.
- GONÇALVES, Yone Carneiro de Santana. *Aprendizagem Colaborativa em formação sobre Análise Cognitiva e Teorização Polilógica*. In *Revista Internacional de Análise Cognitiva*. v.2, n.1, p. 1-250. RIANCO: Salvador: 2024.

GONÇALVES, Yone Carneiro de Santana. *Do caderno de receitas da vovó ao site do curso de cozinha: a construção do conhecimento e a inovação tecnológica na EJA*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos - Departamento de Educação Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/server/api/core/bitstreams/7f501ee1-ab81-4e08-8032-1adc13f84653/content>

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social*. Vol 1. São Paulo: Editora WMF, 2012a.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: sobre a crítica da razão funcionalista*. Vol 2. São Paulo: Editora WMF, 2012b.

HABERMAS, Jürgen. *A inclusão do outro*. São Paulo: Editora UNESP, 2018a.

HABERMAS, Jürgen. *Uma nova mudança estrutural da esfera pública e política*. São Paulo: Editora UNESP, 2018b.

MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sérgio. *Jacques Ardoino e a Educação*. São Paulo: Autêntica, 2012.

TORRES, Patrícia Lupion; LOPES, Jéssica Karolayne Pinheiro; CAMARGO, Rafael Augusto. *Aprendizagem colaborativa e cartografia cognitiva: formação de professores do Programa Agrinho com base no pensamento complexo*. Rio de Janeiro: Revista Docência de Ciberultura, 2021.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Declaramos as contribuições de cada autor, especificadas abaixo:

Autora 1 – Yone Carneiro de Santana Gonçalves - Administração do projeto, Conceitualização, Curadoria de dados, Supervisão, Escrita: revisão e edição.

Autor 2 - José Karam Filho - Curadoria de dados, Validação, Escrita: rascunho original, Escrita: revisão e edição.

Autor 3 – Davi Silva da Costa - Curadoria de dados, Validação, Escrita: revisão e edição.

CONFLITO DE INTERESSES

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores Yone Carneiro de Santana Gonçalves, José Karam Filho e Davi Silva da Costa declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA

Formulário sobre Conformidade com a Ciência Aberta
versão 29 de junho de 2020

Por meio deste formulário os autores informam o periódico sobre a conformidade do manuscrito com as práticas de comunicação da Ciência Aberta. Os autores são solicitados a informar: (a) se o manuscrito é um preprint e, em caso positivo, sua localização; (b) se dados, códigos de programas e outros materiais subjacentes ao texto do manuscrito estão devidamente citados e referenciados; e, (c) se aceitam opções de abertura no processo de avaliação por pares.

Preprints

Depósito do manuscrito em um servidor de preprints reconhecido pelo periódico.

O manuscrito é um preprint?	
(X)	Sim - Nome do servidor de Preprints: DOI do Preprint:
()	Não

Disponibilidade de Dados de Pesquisa e outros Materiais

Autores são encorajados a disponibilizar todos os conteúdos (dados, códigos de programa e outros materiais) subjacentes ao texto do manuscrito anteriormente ou no momento da publicação. Exceções são permitidas em casos de questões legais e éticas. O objetivo é facilitar a avaliação do manuscrito e, se aprovado, contribuir para a preservação e reuso dos conteúdos e a reprodutibilidade das pesquisas.

Os conteúdos subjacentes ao texto do manuscrito já estão disponíveis em sua totalidade e sem restrições ou assim estarão no momento da publicação?	
(X)	Sim: (X) os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito () os conteúdos já estão disponíveis () os conteúdos estarão disponíveis no momento da publicação do artigo Segue títulos e respectivas URLs, números de acesso ou DOIs dos arquivos dos conteúdos subjacentes ao texto do artigo (use uma linha para cada dado):
()	Não: () dados estão disponíveis sob demanda dos pareceristas () após a publicação os dados estarão disponíveis sob demanda aos autores - condição justificada no manuscrito () os dados não podem ser disponibilizados publicamente. Justifique a seguir:

Aberturas na avaliação por pares

Os autores poderão optar por um ou mais meios de abertura do processo de *peer review* oferecidos pelo periódico.

Quando oferecida a opção, os autores concordam com a publicação dos pareceres da avaliação de aprovação do manuscrito?	
<input checked="" type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não
Quando oferecida a opção, os autores concordam em interagir diretamente com pareceristas responsáveis pela avaliação do manuscrito?	
<input checked="" type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.